



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Neli Gomes Rocha – Dia da Consciência Negra

No Brasil, 20 de novembro é o Dia Nacional da Consciência Negra. A data recorda também o dia da morte de Zumbi dos Palmares, figura histórica, considerado um símbolo de resistência. A data foi instituída oficialmente pela lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. Com a promulgação da Constituição de 1988, vários segmentos da sociedade, inclusive os movimentos sociais, como o Movimento Negro, obtiveram maior espaço no âmbito das discussões e decisões políticas. A lei de preconceito de raça ou cor (nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989) e leis como a de cotas raciais, no âmbito da educação superior, e, especificamente na área da educação básica, a lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira, são exemplos que ajudam a ampliar e valorizar o importantíssimo papel da população negra na história do Brasil de ontem e de hoje.



Neste espaço, a Pastoral da Criança, oferece informações, orientações e dicas de como reforçar a identidade e a autoestima da criança negra, seja no espaço doméstico, escolar ou comunitário. Além disso, o material apresentado aqui é um chamado à consciência sobre a igualdade de oportunidades, respeito e luta por garantias de desenvolvimento integral para todas as crianças negras de nosso país.

Nesta Semana da Consciência Racial, confira a entrevista com Neli Gomes Rocha, doutoranda em Sociologia, com especialização em Relações Raciais na Universidade Federal do Paraná.

Uma boa autoestima é essencial para o desenvolvimento durante a infância. Como a

família pode colaborar para que a criança cresça com uma autoestima positiva?

Essa autoestima vai depender muito do vínculo, principalmente, entre o pai e a mãe. E depois, os outros entes que estão em volta. O vínculo é construído no dia a dia. Na primeira infância – dos zero aos seis anos – tem que tomar muito cuidado, porque é tudo construído muito pela observação. A ação tem que estar vinculada com a sua fala. Na primeira infância, o toque é muito importante. Tem que ter o tempo para você perguntar como é que foi o dia daquela criança, se ela já fala. Trazer as histórias para a construção da imaginação é fundamental, a música também ajuda muito. É importante que a gente tenha esse tempo, de forma muito mais cuidadosa por conta da interferência das mídias, de uma forma geral. E a figura masculina não pode estar fora disso.

Vive-se em uma sociedade que não assume o racismo e, mesmo assim, sabe-se que ele existe. Como trabalhar com essas questões com as crianças, para que elas cresçam sem esse tipo de preconceito?

No caso das relações de racismo, que a gente tem acompanhado cada vez mais forte, uma questão é vencer o silêncio. É na escola que os conflitos aparecem. E, na escola, é importante que eles sejam tratados com a importância exigida. Por exemplo, se a gente pensar quem é que tem perfil de patrão e quem é que tem perfil de empregado, quem é que exerce a função de motorista e quem é que exerce a função de patrão: essas funções, historicamente, têm cor. O motorista, normalmente, é o que tem pele escura; e o que é o patrão tem a pele clara. Então, pensar sobre isso é desconstruir uma ideia de que os lugares são definidos.

A mídia sempre teve uma influência muito grande na construção de referências sociais. Como é o olhar desses meios de comunicação para a população negra e como isso impacta a autoestima das crianças?

Os meios de comunicação acabam, muitas vezes, substituindo a figura de formação que é o pai e a mãe ou a família. A representação construída, ao longo do tempo, pela TV brasileira, é como se estivéssemos vivendo na Escandinávia, num país europeu onde todas as pessoas, ou grande parte das pessoas, têm a pele clara, os olhos claros, os cabelos claros. Isso não é novidade. O que é novidade, cada vez mais, é as pessoas cobrarem serem representadas dentro desses espaços de mídia. O que a gente tem que fazer? Pegar o que aparece nessa mídia e, novamente, ter o tempo de conversa com os nossos filhos, que esta cada vez menor, e conversar com eles, entender o que

eles estão vendo, acompanhar que tipo de programas eles estão assistindo. Esse tipo de mudança de padrão, se não é feito pelo financiamento privado, é fundamental que seja feito pelo financiamento público. Porque, afinal de contas, todos nós contribuimos, então, nós também temos o direito de sermos representados.

“Um povo sem história, origem e cultura, é como uma árvore sem raiz”, diz Marcus Garvey, ativista negro. Como a família pode ajudar a criança negra a ver a sua representatividade no mundo em que vive?

Uma das coisas que é fundamental é a gente olhar para a contribuição africana dentro do nosso dia a dia. Essa memória tem uma matriz indígena e uma matriz africana que é preciso ser respeitada. Então, quando eu penso: como é que eu vou contar essa história do continente africano para o Brasil? Eu não posso contar só do ponto de vista da escravidão. Porque, aí, eu estou contando só uma parte, só a parte do sofrimento. E toda a parte de resistência eu não estou levando em consideração. Então, o meu papel, enquanto pai e enquanto mãe, é que eu busque saber a história do lugar de onde eu vim. E as escolas têm o papel fundamental para dar esse material que, em casa, a gente pode não ter.

A criança, muitas vezes, vivencia situações que já caracterizam preconceitos e, até mesmo, racismo. Como a família deve trabalhar para que os pequenos saibam enfrentar esse tipo de situação?

A primeira coisa é não silenciar. O diálogo é o caminho. O racismo só será superado quando esse hábito de quebrar o silêncio virar uma recorrente. O hábito de falar para não acumular essa dor, historicamente, nos foi negado. Porque nós fomos educadas para o silêncio, principalmente, as mulheres. E quando uma situação machuca, como é o racismo, a gente precisa por para fora de alguma forma.

Como os pais podem valorizar e reforçar a identidade racial, para que a criança se reconheça como tal?

Nossas duas grandes figuras de referência, em geral, são o pai e a mãe; quando não, o avô e a avó. Essas pessoas são nossos heróis e heroínas. Uma das coisas, que é importante para o pai, para a mãe e para os responsáveis, é pensar na construção dessa ludicidade. Então, a partir de brincadeiras, trabalhar valores. Assim, a gente está construindo uma nova forma de olhar para o mundo.

Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
Programa de Rádio 1258 - 09/11/2015 – Dia de Oração e Ação pela Criança